

## História e poesia

O SACERDOTE: *Sólon, Sólon, vós gregos sois sempre crianças.  
Um grego jamais é velho.*

SÓLON: *O que quereis dizer com isso?*

O SACERDOTE: *Enquanto existirdes, sois jovens  
pela alma que vive em vós.*

Platão, *Timeu*, 22, VI

Imaginem o mundo na primeira juventude, quando o homem, mal despertado para o reino das ideias, povoa a Terra e o céu com imagens nascidas da força, da imaginação e do desejo; onde as ilhas, emergindo das águas, são rapidamente cobertas de templos e de cidades; onde em todo bloco de mármore dormita uma coluna perfeita e no fundo de cada fonte há uma divindade sem rosto. Assim é a Grécia legendária dos heróis e dos deuses. No século IV antes da nossa era, a lembrança dessas origens ainda enche as memórias. Ésquilo e Sófocles acabam de fazer ouvir pela primeira vez o murmúrio das Oceânides e a prece de Antígona. O homem se interroga sem temor e, sentindo em si um passado tão leve, fundamenta sua esperança no acordo com as coisas.

Imaginem, nesse cenário, o mais jovem conquistador que o mundo conheceu arrastando todos os povos da Grécia para as fontes do Sol, esse Oriente fabuloso que, antes dele, só o cortejo das bacantes havia percorrido. Tal é a vida de Alexandre, o Grande. É a *Anábase*<sup>1</sup> ultrapassada, o Velo de Ouro<sup>2</sup> reconquistado, as

---

1. Título da obra de Xenofonte que conta a expedição de Ciro, o Jovem contra seu irmão Artaxerxes II e a Retirada dos Dez Mil após a batalha de Cunaxa (401 a.C.), na qual Ciro foi morto. [N.T.]

2. Na mitologia grega, o velo era a lã de ouro de um carneiro alado que Jasão precisava recuperar para assumir o trono na Tessália. [N.T.]

falanges desembarcando na orla do paraíso terrestre. São mares singrados pela primeira vez, rotas abertas no desconhecido, novas cidades que surgem depois de cada vitória e o rumor dos povos inebriados pelo maravilhoso desígnio de um adolescente: fundar um império humano que tenha a forma da Terra.

Imaginem, agora, outro jovem inflamado pelo estudo da Antiguidade clássica, cuja segura erudição confrontasse e verificasse incessantemente fatos e lendas; que aos 25 anos tentasse uma das tarefas intelectuais mais arriscadas; que nos legasse uma vida de Alexandre que seria uma obra-prima de compreensão, lucidez e fervor. Vocês não diriam que tal livro, se existisse, seria um dos mais belos do mundo?

Tal livro existe: é a *História de Alexandre, o Grande* por Droysen. Publicada originalmente em 1833, a obra suportou vitoriosamente a prova do tempo. Os maiores sábios contemporâneos inclinam-se diante dela e são unânimes em reconhecer suas qualidades excepcionais. Radiante de uma dupla juventude – a do herói e a do autor –, ela apresenta-se a nós como um objeto sem idade, um afresco maravilhoso no qual a inteligência disputa com a inspiração.

O autor, Johann Gustav Droysen, nasceu em Treptow, na Pomerânia, em 6 de julho de 1808. Filho do capelão protestante da guarnição, recebeu desde a primeira infância a disciplina e a piedade como as duas virtudes mais belas e mais meritórias. Cresceu nesse meio austero e um tanto rigorista até o dia em que, tendo perdido o pai, foi mandado para o colégio de Stettin.

Desde a entrada nos bancos da escola, o jovem Droysen deu provas de uma tendência muito acentuada para a Antiguidade clássica. Aprendeu rapidamente grego e latim. Devorou com avidez os textos antigos que lhe caíam nas mãos. Passava noites inteiras, dizem, lendo Plutarco e Quinto Cúrcio, Tucídides e Xenofonte. Assim, quando foi para a Universidade de Berlim, em 1826, possuía uma bagagem singularmente extensa para um rapaz de dezoito anos.

Inscreveu-se imediatamente nos cursos de filologia clássica de August Boeckh, cuja magistral obra *O sistema orçamentário dos atenienses*, publicada em 1817, era um marco no renascimento dos estudos helênicos. Rompendo com as idealizações temerárias que até então caracterizavam trabalhos desse tipo, Boeckh foi o primeiro a submeter os fatos a uma crítica

objetiva, identificando as bases materiais e econômicas do poderio ático. Mostrou que a Acrópole, que elevava aos céus o seu friso de cavaleiros juvenis, havia sido construída sobre poderosos alicerces, porões nos quais se acumularam os tesouros da Jônia e do Ponto, da Calcídica e do Peloponeso. Com esse mestre, Droysen iniciou-se nas severas disciplinas de sua arte, aprendendo a decifrar a mensagem das moedas, das inscrições e dos papiros.

Boeckh era animado pelo espírito de Herder, esse Herder que, cerca de meio século antes, havia revelado Goethe a si próprio. Graças a ele, a história encontrou uma nova via, elevando-se a um nível nunca antes atingido.

“Para Herder”, escreve Gundolf, “a história – entendida no sentido mais amplo da palavra, de modo a incluir a cosmogonia e a história das origens, da civilização, das línguas, da literatura, da arte e dos Estados – era a expressão tangível da energia divina manifestando-se nas ações dos homens.” Os dois aspectos sob os quais essa energia se manifestava eram o devir e a língua. O deus da história e o deus da poesia eram as duas faces de uma mesma força atuante que, renovando-se incessantemente, tornava-se evolução. O que Erasmo e os humanistas do século XVI haviam feito pelas letras latinas, Herder fez pela Grécia. Panteísta e universalista, ele chamou a atenção de Goethe para a extensão e a profundidade do mundo helênico.

Mas Goethe não foi o único a sofrer a influência dele. As lições do filósofo de Estrasburgo tiveram considerável repercussão na Alemanha. Já Winckelmann, em *História da arte antiga* (1765) e no ensaio *O sentimento do belo entre os gregos*, dera, no plano estético, o primeiro impulso aos espíritos, refinando a sensibilidade dos contemporâneos e lhes ensinando a distinguir a arte grega autêntica da arte dos romanos, com a qual ela fora confundida até então. Seu exemplo havia lançado Goethe pelas estradas da Itália. Mais tarde, tomando conhecimento da morte trágica do amigo, o autor de *Egmont* anotou no diário: “De seu túmulo sobe até nós o alento do seu gênio. Ele desperta em nós o desejo de prosseguir sem descanso a obra que realizou com tanto zelo e que consiste em explorar esse mundo antigo, do limiar do qual ele nos disse adeus.”

Podemos julgar esse alento pelo conjunto das obras que se seguiram: em menos de vinte anos foram publicadas a *Ifigênia* de Goethe, a *Pentesileia* de Kleist, *Os discípulos em Sais* de Novalis, o *Empédocles*, o *Arquipélagos* e os

*Hinos* de Hölderlin. Por fim, coroando essa floração de poemas, Goethe celebrou o casamento simbólico de Fausto e Helena. O gênio moderno se curvava aos pés da beleza antiga:

Não desdenhe, ó mulher soberba,  
A posse do soberano bem,  
Porque a suprema felicidade te devolveu, a ti somente,  
A glória da beleza que a todas as coisas ultrapassa.  
Será que reconheceriam o herói  
Se ele não avançasse com andar altaneiro  
Precedido pelo clamor do seu nome?  
Enquanto o homem mais rude inclina-se  
Diante de ti, simplesmente porque tu és  
Irresistivelmente bela...

Apaixonado desde a infância pelo culto à Antiguidade, Droysen sentiu-se levado e sustentado por uma corrente que se ampliava à sua volta.

Acrescentemos outro fator que teve influência decisiva sobre seu espírito. A carreira fulgurante de Napoleão acabava de provar ao mundo que a espécie dos grandes conquistadores não estava extinta e que a forma na qual haviam sido moldados César e Alexandre não estava quebrada. Em Santa Helena, o imperador proclamara que havia “ampliado os limites do possível”. Tornara a cobrir o abismo, cavado pelo tempo, entre a crônica e a lenda, a história e a mitologia. Deixara para trás a mescla de medo e respeito que demônios e semideuses inspiravam nos antigos gregos.

Nova concepção do papel da história, nova concepção do gênio helênico, nova concepção do poder do indivíduo: tais foram os três elementos que modelaram a personalidade nascente de Droysen. Para além do ensino metódico dos primeiros professores, sua alma se voltava por si própria para os seus verdadeiros mestres: Herder e Winckelmann, Goethe e Napoleão. Eles permitiram que Droysen aprofundasse os juízos, tornasse mais amplo o olhar e mais estável a efervescência das emoções.

Poderia causar espanto, a partir disso, que o jovem estudante da Universidade de Berlim tivesse pensado em orientar os estudos para a poesia, um domínio no qual Boeckh quase não podia segui-lo? Ele não havia aprendido com Herder que ela constituía uma das duas vertentes da história? Já ambicionava traduzir Êsquilo, mas o projeto foi contrariado pelos acontecimentos: Droysen experimentou a dor de perder a mãe.

Agora está órfão, sem fortuna e abandonado a si mesmo. Que aconteceria com ele? Deveria renunciar aos estudos? Engajar-se no exército?

Boeckh, que pressentia o gênio nascente de Droysen, interveio em seu favor e apresentou-o a uma família de ricos banqueiros berlinenses, os Mendelssohn-Bartholdy, cujo filho Félix, seis meses mais jovem que Droysen, começava uma carreira musical que prometia ser brilhante. Em 1828, com base na recomendação do mestre, Droysen tornou-se preceptor do jovem compositor.

Qual não foi o seu deslumbramento diante dessa reviravolta imprevista do destino! A entrada na casa dos Mendelssohn transformou-lhe a vida. O futuro historiador foi acolhido com rara benevolência, tratado de igual para igual. O pobre estudante pomerano foi bruscamente transportado para um meio patricio e altamente cultivado, frequentado pelas personalidades mais brilhantes da capital. Ali encontrou Hegel e Schadow, Alexandre von Humboldt e Zelter, Rahel Varnhagen e Heinrich Heine. Esses contatos quase cotidianos o iniciaram nos modos e na elegância da “alta sociedade”, nessa vida cômoda e liberal que era, outrora, um dos privilégios da fortuna.

Uma tocante camaradagem não tardou a se estabelecer entre mestre e aluno. Somadas as idades, tinham apenas quarenta anos. Na época, Mendelssohn compunha a partitura para *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare. Droysen ficou entusiasmado com os trabalhos do “discípulo”. Estudaram juntos as obras dos grandes mestres: as primeiras sinfonias de Beethoven e as óperas de Mozart. Porém, acima de tudo, sua admiração ia para o velho mestre de capela de Eisenach: Johann Sebastian Bach, cuja obra havia praticamente caído no esquecimento. Mendelssohn apresentaria, pouco depois, uma execução integral de *A paixão segundo São Mateus*. Droysen escreveu artigos nos jornais – seus primeiros textos assinados – para preparar o público para a audição da obra-prima.

Esses anos representaram um período de repouso e de felicidade em sua vida. Pois o que ele aprendia na casa dos Mendelssohn era justamente a felicidade. Sua timidez natural se dissolvia pouco a pouco para dar lugar a um encanto atestado por todos os que o conheceram nesse período.

Esses anos não lhe ensinaram somente a arte de ser feliz: despertando-lhe a sensualidade, formaram seu estilo. Em um escritor de boa estirpe, os dois fenômenos estão quase sempre ligados. Nesse momento Droysen adquiriu o gosto por períodos medidos e cadências harmoniosas. Começou a se esforçar para dar a tudo o que saía de sua pena o caráter de obra de arte: para retomar, modificando-a um pouco, a célebre fórmula de Nietzsche, foi “o nascimento da história fora do espírito da música”.

Droysen pôs-se então a traduzir os sete grandes dramas de Ésquilo, esforçando-se para conservar o ritmo e a disposição dos coros, assim como a sombria beleza das imagens do texto original. Foi um dos primeiros a demonstrar que esses dramas eram fragmentos de vastos conjuntos, cujas outras partes, lamentavelmente, haviam sido perdidas. Chegou a tentar reconstituir as peças ausentes, notadamente os “dramas satíricos” que encerravam as diversas trilogias. Esse trabalho foi publicado em dois volumes alguns anos mais tarde (1832), precedido por uma introdução em grande estilo.

A tradução, transbordante de fantasia criadora, denota um poderoso temperamento artístico, mas a introdução é séria, circunspecta, inspirada nas mais rigorosas disciplinas científicas. Droysen nela descreve os redemoinhos políticos que matizam o pensamento do poeta da *Oresteia*.<sup>3</sup> Analisa a repercussão dos acontecimentos na alma do antigo combatente de Salamina<sup>4</sup> e mostra o fermento que depositara em seu coração a guerra contra os persas e as grandes lutas internas que atormentavam o povo ático.

Como devia ser belo viver em uma época na qual pensamento e ação se fecundavam sem cessar. História, poesia, religião e política não eram atividades distintas e quase hostis umas às outras – como depois se tornaram –, mas

---

3. Trilogia da autoria de Ésquilo, composta pelas tragédias *Agamenon*, *Coéforas* e *Eumênides*. [N.T.]

4. Batalha na qual os gregos, comandados por Temístocles, derrotaram a frota persa de Xerxes em 480 a.C. [N.T.]

simplesmente expressões diversas de uma mesma atitude diante da vida. Teria sido um espectador distante e desinteressado, um erudito confinado nos trabalhos livrescos, que havia escrito essas linhas?

Existe, não longe de Salamina,  
Uma ilha estreita e sem ancoradouro  
Da qual só Pã, o deus dos coros,  
Frequenta a orla marítima.

Foi para lá que Xerxes enviou  
A flor das suas tropas  
Para abrigá-las das correntes marinhas  
E massacrar os gregos, aqui fáceis de vencer  
Se um vento benevolente os levasse para a ilha.

Ah! Era conhecer mal o futuro!

Porque logo que o céu deu vantagem  
À frota helênica,  
Os gregos, encouraçando o peito com bronze,  
Pulam em um único impulso para fora dos navios  
E cercam a ilha inteira  
De modo que nenhum persa pode encontrar saída.

Primeiro milhares de pedras  
Lançadas por gregas mãos  
Chovem sobre eles de todos os lados  
Enquanto, jorrando da corda dos arcos,  
Setas semeiam a morte em suas fileiras.  
Enfim, avançando todos juntos,  
Os gregos ferem e cortam em pedaços  
Os corpos desses desgraçados  
Não deixando nenhum com vida.

É longo o lamento de Xerxes  
Diante dessa voragem de dores.  
Ele havia mandado erguer, para ali se postar,

Um outeiro elevado perto da planície marinha,  
Em um ponto de onde o seu olhar  
Descortinava todo o exército...

Ele dilacera seu manto,  
Lança um soluço agudo  
Depois, subitamente, dá uma ordem  
Ao seu exército em terra  
E precipita-se para a Ásia  
Em fuga alucinada...

.....

Como um grande revoar de pássaros  
Vestidos de azul-escuro  
A infantaria e os marinheiros  
Partiram nos barcos  
Mas soçobraram no mar  
E sob os golpes dos gregos  
Todos desapareceram.

Geme toda a Ásia  
Pela juventude ceifada,  
Massacrada em prol de Xerxes,  
O provedor do Hades!

Levados como rebanhos  
Os homens aos milhares,  
Arqueiros triunfantes  
E coortes compactas,  
Para sempre pereceram!

Chorai! Chorai, mulheres persas,  
Pelos vossos valentes esteios!  
Porque a Ásia, rainha do mundo,  
Lastimavelmente, lastimavelmente  
Dobrou os joelhos.

A inspiração de Ésquilo não nasceu de documentos empoeirados. Brotou da ação. Nela sentimos a brisa do mar. Sua paixão veemente é a dos combatentes e dos fundadores de cidades. Seus dramas são os alicerces morais do futuro imperialismo helênico. História e poesia neles se confundem, assim como se confundem em nosso espírito Xenofonte e Pausânias, Tucídides e Péricles.

Droysen, cujo pensamento formara-se no estrépito das vitórias napoleônicas e no estudo do prodigioso impulso das guerras da independência grega, ficou impressionado com a apatia e o estreitamento dos espíritos que se seguiram, na Alemanha, às guerras de libertação. A unidade, forjada no entusiasmo, se dissolveu logo depois do Congresso de Viena. Quase todos os gigantes de 1813 estavam mortos ou eliminados dos negócios públicos. Só Goethe sobrevivia, mas como uma espécie de personagem mítico: não pertencia mais às forças atuantes da nação.

Droysen sofria cruelmente com esse rebaixamento, tanto mais porque não encontrava na universidade uma resposta às suas aspirações. Excitado com preocupações que ultrapassavam o quadro dos estudos, tornou-se menos assíduo nos cursos dos mestres. Nem o tedioso romantismo de Raumer nem a erudição indigesta de Wilcken podiam satisfazê-lo.

Hegel o atraía mais. Droysen seguiu suas conferências com o mais vivo interesse. A dialética hegeliana corrigiu na sua obra aquilo que poderia ter havido de sumário na ideia de evolução, tal como ela sobressaía dos escritos de Herder. A história não progride em linha reta; segue alternativas de ação e de reação aparentemente contraditórias. Para isolar dessas oscilações um grande desígnio permanente é necessário admitir que um determinismo rigoroso gere o encadeamento dos fenômenos históricos.

Esse ensino, enriquecido e confirmado pelos trabalhos geográficos e etnográficos de Ritter, deu a Droysen uma compreensão mais orgânica da ascensão e do declínio das civilizações. Ajudou-o a apreender a importância dos “períodos intermediários”. Ao mesmo tempo, porém, desagradou seu senso inato de liberdade. Esse determinismo acarretava uma despersonalização da história. Não deixava lugar nem para o empirismo nem para a Providência. Enfim, censura mais grave, não fornecia resposta para esse grande fenômeno histórico que também lhe ocupava o pensamento: o advento do cristianismo.

Droysen sentia-se cada vez mais atraído pelos séculos seguintes ao desmembramento do império de Alexandre, que lhe pareciam injustamente depreciados. Viam-se neles apenas períodos de decadência, mas eles haviam preparado o advento de Jesus.

Seus instintos mais profundos, aqueles que brotavam das fontes do seu Ser – o amor pelo helenismo, o patriotismo e a fé nascidos na infância –, convergiram para Alexandre, o Grande. Desde então, o filho de Filipe da Macedônia tornou-se um personagem providencial. Por suas conquistas, havia sido a culminação e o coroamento da civilização grega; por sua confrontação com as religiões antigas, havia aberto o caminho para o monoteísmo cristão. Enfim, pela concórdia que soube impor às cidades gregas, erguidas umas contra as outras por contínuas dissensões, era um exemplo a ser proposto aos que alimentavam a ideia da unificação alemã.

Droysen sempre se comovera com a cena tocante que os antigos nos relatam. Antes de partir para conquistar a Ásia, Alexandre e Heféstion haviam ido a Ílion<sup>5</sup> para coroar com flores o túmulo de Aquiles. Porém, menos afortunado que seu ancestral da *Ilíada*, o vencedor de Issus<sup>6</sup> não havia tido o seu Homero. Nenhum dos que o haviam cantado parecia ter captado a força do seu caráter e a grandeza dos seus desígnios. Droysen jurou reparar essa lacuna, descrevendo todos os fatos e gestos do herói. Havia, enfim, encontrado o tema para o qual tudo o predestinava.

Droysen pôs-se imediatamente a trabalhar com energia decuplicada. “É possível tratar romanos e gregos como românticos, quando nós mesmos o somos”, escreveu Baudelaire. Para além dos séculos, o gênio do herói antigo parecia fecundá-lo e instruí-lo. Ele queria edificar para Alexandre um monumento semelhante à Acrópole de Atenas, assentando-se, como ela, sobre alicerces inquebrantáveis: a estrutura política, social, militar e econômica do mundo mediterrânico do século IV. Porém, também queria – tarefa mais delicada – trazer à luz o feixe de ideias metafísicas e místicas que haviam dado

---

5. Nome latino da cidade de Troia. [N.T.]

6. Como se verá neste livro, Alexandre venceu a batalha de Issus, contra os persas de Dario, em 333 a.C. [N.T.]

à realeza de Alexandre uma auréola sobre-humana. Por fim, esperava distinguir, naquele século tumultuoso, as forças que se aferravam cegamente ao passado e as que preparavam o futuro. Não esqueçamos: o futuro, a seu ver, não era nada menos que a revelação de Deus e a evangelização do mundo.

Não há dúvida de que o futuro estava do lado do vencedor de Dario, não do lado das democracias helênicas; do lado da unificação imperial, não do particularismo insular e municipal. “Vós sabeis que sou admirador do movimento, daquilo que vai para a frente”, escreve Droysen a Welcker. “Minha paixão é César e não Catão, Alexandre e não Demóstenes.”

Na bela introdução à edição do centenário, Helmuth Berne escreveu muito justamente:

A graça e a facilidade da exposição de Droysen fazem esquecer o incrível labor científico que precedeu a redação definitiva da obra. O estabelecimento e a combinação dos detalhes de ordem histórica, geográfica ou filológica, as pesquisas sobre a estratégia e os meios com os quais foram executadas as grandes operações militares, os estudos de cronologia e todos os trabalhos preliminares desse tipo se dissolvem e desaparecem na arquitetura do conjunto. Droysen estudou com especial interesse as medidas administrativas adotadas pelo vencedor nos territórios conquistados. Sem dúvida, o rei submete os países orientais pelas armas, mas o objetivo que ele perseguia não era simplesmente submetê-los. Ele chegava à Ásia como campeão dos países livres, aos quais nem ele nem seu pai jamais haviam pensado em impor o jugo da escravidão. Do mesmo modo, suas vitórias deviam trazer a liberdade aos povos capazes de desfrutar dos seus benefícios. Daí o respeito pelas tradições, pelas leis, pelos cultos. Essa concepção logo levou Alexandre a considerar que todos os povos que ele contava unir sob seu cetro, no início, só dele poderiam obter a unidade. Por conseguinte, a diferença entre gregos e bárbaros devia apagar-se diante da majestade da sua monarquia. Seu objetivo era a reconciliação entre Oriente e Ocidente. O casamento com Roxana, o conflito com Calístenes,

as bodas coletivas de Susa, o trágico licenciamento dos veteranos em Ópis – para citar somente os episódios mais marcantes da vida de Alexandre – não surgem para Droysen como frutos irracionais de um temperamento despótico, mas como atos políticos maduramente refletidos. A animação pitoresca da corte, o frêmito da Ásia com a passagem das falanges, a fundação das colônias, a reposição em circulação dos tesouros dos reis da Pérsia, a vida comercial intensa que logo se estabeleceu em toda a bacia ocidental do Mediterrâneo, tudo isso fazia parte de um programa coerente. Considerada sob esse ângulo, a estatura de Alexandre ultrapassava muito a de um *condottiere* macedônio perseguindo a realização de uma ambição pessoal. Droysen jamais se cansa de sublinhar que Oriente e Ocidente estavam maduros para a fusão, pois aspiravam secretamente a pôr em contato suas qualidades essenciais: aqui a vitalidade ardente da Grécia, que carecia de espaço; lá as massas inertes da Ásia, que careciam de vitalidade. Eram, um para o outro, um complemento indispensável. Havia já alguns séculos buscavam-se confusamente, esperando o homem que pressentiria esse desejo insatisfeito e traduziria em atos as necessidades da época. A própria história estava com o rei, encarnava-se nele.

Publicado no inverno de 1833-1834, o livro ficou muito acima da capacidade de compreensão dos contemporâneos, desconcertados por suas proporções inusitadas e pela exposição, digamos assim, sinfônica, na qual os menores detalhes são organizados em função da história universal. Eles se mostraram insensíveis às qualidades excepcionais de um estilo cujo ritmo e imagens parecem refletir a impetuosidade do próprio Alexandre. “Essa obra”, diz Helmuth Berne, “é como o mar: nela vemos rebentar as vagas sucessivas da história. Uma delas, que se chama Alexandre, arrasta atrás de si todo o oceano do devir, sobre o qual plana, imóvel, o espírito do Criador.”

Como os leitores, apanhados de surpresa, poderiam ter compreendido que Droysen, com apenas 25 anos, acabava de realizar uma obra-prima de história inspirada (algo bem diferente da história romanceada)? Em vão, o autor

adotara como divisa esta bela fórmula de um antigo: *Pectus fecit historicum* [o coração faz o historiador]. Acusaram-no de ter reverenciado demais Alexandre, descrevendo uma época em função de um indivíduo. Zombaram do número dos efetivos que ele atribuiu ao exército de Dario (parece, com efeito, que ele cita cifras superiores à realidade). Odiaram sua crítica impiedosa à demagogia ateniense. Em resumo: ele defendia a causa do despotismo e renegava a liberdade, crime imperdoável aos olhos dos liberais que preparavam a Revolução de 1848.

No entanto, a obra foi vivamente apreciada por uma pequena elite, que encorajou Droysen a prosseguir sua tarefa. Para ele, a vida de Alexandre era só a introdução a uma *História do helenismo* que devia ir da morte do conquistador ao nascimento de Jesus.

O primeiro volume da *História do helenismo* foi publicado em 1836, descrevendo os acontecimentos que tiveram lugar de 323 a 277 a.C. O segundo volume seguiu-se em 1843: ia de 277 a 220 a.C. Entrementes, Droysen foi nomeado professor na Universidade de Kiel.

Por influência desse meio provinciano, no qual ressuscitava o ambiente austero e um pouco sufocante do colégio de Stettin, ou por nostalgia do centro voluptuoso e cosmopolita que conhecera em Berlim, quanto mais ele se afastava de Alexandre, mais a história da Grécia parecia perder o interesse. A tarefa que havia assumido começou logo a lhe pesar. Além disso, a história dos ptolomeus e dos selêucidas não fornecia alimento ao seu fervor patriótico. Ao descrever as figuras de Filipe e de Alexandre, ele havia desejado propor um exemplo aos seus concidadãos (não sob a forma de um banal paralelo histórico, pois ele era culto demais para isso). Porém, sabia a força que libera aquele que consegue unir povos cuja energia dissipara-se inutilmente, até ali, em querelas internas.

As dissensões entre os príncipes alemães lhe forneciam uma imagem muito semelhante às rivalidades entre as cidades gregas. Ele não chamava, com seus votos, por um novo Filipe. Tinha a impressão de perder tempo consagrando-se à Antiguidade, quando o presente apresentava problemas tão angustiantes. Escreveu em 1841 ao amigo Heydemann: “Sou louco por me en-

errar nesse velho passado poeirento em vez de me lançar de corpo inteiro nas épocas vivas, ao mesmo tempo mais coloridas e mais próximas de nós.”

Será que ele comunicou sua crescente tristeza a Mendelssohn? É provável, pois este o aconselhou a retomar a tradução das *Comédias* de Aristófanes, que ele havia preparado no final da sua estadia em Berlim. Elas foram publicadas em três volumes no decorrer dos anos seguintes. Porém, a distração foi de curta duração. Droysen renunciou a terminar a *História do helenismo*. Encerrou-a com uma longa introdução, publicada em 1843, no início do segundo volume, que culminava na afirmação – não isenta de um certo pessimismo – de que “o maior ato do paganismo foi consentir na sua própria dissolução”.

A partir desse momento, Droysen dedicou-se exclusivamente à história da Prússia. Porém, distanciando-se das fontes da inspiração helênica, parecia que o próprio gênio da juventude o havia abandonado. Podemos passar rapidamente pelos anos que se seguiram. Pois, apesar do inegável valor de seus trabalhos, neles não palpita a mesma chama de outrora.

Em 1846 foram publicadas, em dois volumes, suas conferências sobre as guerras de libertação e, em 1851-1852, sua grande biografia do conde York de Wartenburg. Deixou Kiel em 1851, nomeado professor na Universidade de Jena. Lá empreendeu a monumental *História da Prússia*, que prosseguiu em Berlim, para onde foi transferido em 1859.

Porém, enquanto Droysen trabalhava na biografia dos primeiros Eleitores de Brandemburgo e no ensaio intitulado *As bases da ciência histórica* – que trata de questões de técnica e de metodologia –, um recém-chegado na política começou a fazer tremer os membros da Confederação Germânica: Bismarck.

No início, Droysen olhou com desconfiança esse fidalgo de província, duro e inflexível, que, ao ouvir a música de Mendelssohn, dizia “esse homem é verdadeiramente muito ruim” e afirmava com voz surda que resolveria as questões da época “pelo ferro e pelo sangue”. Será que ele perseguiria uma política pessoal? Será que pensava em destronar os Hohenzollern? Mas Droysen, inicialmente hostil, logo reconheceu que o vencedor da Dinamarca e da

Áustria tinha a postura de um mestre. Ele o tinha visto galgar um a um os escalões do poder, até o dia em que impôs a hegemonia da Prússia aos príncipes da Confederação Germânica reunidos na Galeria dos Espelhos, em Versalhes. Será que o historiador de York e de Frederico II poderia não ver que Bismarck era o homem que ele esperava havia muito tempo? Esse homem não havia usado com os príncipes e os reis da Confederação uma linguagem semelhante à de Filipe nas assembleias de Corinto?

Depois de 1870, porém, a Alemanha começa a se transformar. O ouro francês havia espalhado sobre o país um “orvalho de bilhões”. A era guilhermiana começava sob os auspícios do materialismo triunfante. Uma civilização de mestres de forja havia suplantado o idealismo das gerações anteriores. Por toda parte surgiam estaleiros, fábricas e siderúrgicas. Os banqueiros diletantes de Berlim e os artistas de 1830 haviam sido sucedidos por uma casta de realistas rapaces e arrogantes. Ocupados exclusivamente com o equipamento industrial do império, eles tratavam com desdém os trabalhos do espírito. O céu estava sujo com a fumaça dos altos-fornos.

Não era esse o império com o qual Droysen havia sonhado? Que secreta desilusão fez com que ele se voltasse para dentro de si mesmo, em vez de cantar louvores aos seus fundadores? Talvez pressentisse que o nacionalismo suspeito, que havia presidido a unificação das nações europeias, logo iria levantá-las umas contra as outras em lutas estéreis, infinitamente mais assassinas do que aquelas que haviam confrontado Atenas e Esparta, Tebas e Pela, terminando por dilacerar a civilização ocidental; ele sabia que a disputa entre as cidades gregas havia destruído a civilização helênica. O pensador, já ancião, retornou naturalmente para as ideias e as emoções que haviam nutrido sua juventude. Não temos, quanto a esse ponto, nenhum documento preciso. O fato é que, a partir de 1870, Droysen trabalha com menos ardor na *História da Prússia* (ele a deixou inacabada em seu décimo quarto volume, que se detém em 1756).

“Retorno”, disse, “aos meus primeiros amores.” Muito tempo havia se passado. Ele reencontrou sua velha liberdade de espírito em relação aos séculos antigos. Retomou a *História do helenismo* e revisou as passagens dedicadas ao

período dos diádocos e dos epígonos.<sup>7</sup> Remanejou-a completamente e incorporou a ela a *Vida de Alexandre*, que também refundiu. A nova edição, em três volumes, foi publicada em 1878. Porém, ao retocar a obra primitiva, Droysen a ressecou. As Musas o haviam abandonado. O milagre de 1833 não se reproduziu. A erudição impecável não substituía a emoção deslumbrada da adolescência.

Então ele reviu em pensamento todos os anos de labor, esperança e decepção que o separavam do início. Quanto caminho havia percorrido desde as primeiras traduções de Ésquilo! Agora, ele não passava de um velho amargo e desiludido. Talvez pressentisse que os trabalhos da idade madura seriam relegados um dia às estantes das bibliotecas e que a morte (ocorrida em 1884) não lhe deixaria tempo para terminar a *História da Prússia...*

Porém, voltando-se para o passado, ele via a juventude iluminada pelos fulgores da aurora, de uma aurora que parecia emprestada da juventude do mundo. Acontecesse o que acontecesse com as obras posteriores, podia morrer tranquilo: sua tarefa estava cumprida. Ele permaneceria para a posteridade o historiador de Alexandre.

Este livro pode ser lido como uma epopeia antiga, a narrativa de uma existência fabulosa, inspirada pelas duas mais nobres paixões do homem: o espírito de unificação e o espírito de realização. Também pode ser lido como uma das mais poderosas sínteses históricas que nos foram legadas pelo século XIX, uma obra que deve ser colocada na mesma estante que as de Mommsen, Burckhardt, Carlyle ou Michelet.

Mas também se pode lê-la – de maneira mais imediatamente proveitosa, creio – como o exemplo daquilo que é capaz de realizar uma personalidade de gênio em uma época na qual a história parece perder fôlego e esperar de um indivíduo que ele lhe forneça um novo impulso. Desse ponto de vista, descobre-se na reflexão sobre os atos de Alexandre, melhor do que em qual-

---

7. No regime monárquico grego, diádoco era o príncipe herdeiro. Epígonos eram os generais de Alexandre que, depois da sua morte, partilharam entre si os territórios que ele conquistara. Droysen foi o primeiro a efetuar essa periodização na história da Antiguidade. Ela foi muito usada por outros autores. [N.T.]

quer outra parte, os elementos de um “culto da pessoa” – que não se deve confundir com a idolatria da personalidade –, do qual temos hoje a mais premente necessidade. Sobre isso, a lição das Anfitionias<sup>8</sup> e das assembleias de Corinto é das mais instrutivas. Nossa confiança excessiva nos pactos e nas instituições mascara perigosamente as fraquezas da democracia. Faz-nos esquecer de bom grado que só o indivíduo é capaz de dominar o tumulto dos acontecimentos e que só atinge a grandeza um povo que dirige sua história. Se forem dotadas de suficiente vitalidade, as nações terminam por encontrar o guia que lhes imprime uma continuidade da qual elas são incapazes por si mesmas. Esse guia lhes relembra a verdade, muitas vezes ignorada, de que são os homens que fazem as coisas, não as coisas que fazem os homens.

Sob qualquer ângulo, *Alexandre, o Grande* continua sendo uma das obras feitas para encantar todas as fases da vida. Podemos aplicar-lhe as belas palavras de Rousseau quando, sozinho e cansado de tudo, passeava sob a sombra das folhagens da ilha de Saint-Pierre, meditando sobre a vida dos homens ilustres da Antiguidade: “No pequeno número de livros que ainda leio algumas vezes, Plutarco é aquele que mais me interessa e me é proveitoso. Foi a primeira leitura da minha infância e será a última da minha velhice. É praticamente o único autor que eu sempre li retirando dele algum fruto.”

*Benoist-Méchin*

---

8. Forma de confederação adotada pelas cidades gregas, com a finalidade de administrar assuntos de interesse comum. [N.T.]